

Insegurança e Prumo

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Leitura (Técnicas para uma alteração da disposição humana em prol da paz mundial – C. G. Jung): O conhecimento exato da própria índole, com todas as suas oposicionalidades e absurdezias ocultas não cria insegurança? Não está debilitando a autoconfiança e com isso reduzindo a nossa capacidade de aguentar a luta existencial? As pessoas têm com demais frequência uma segurança patética com a qual, depois, só cometem estultices. É melhor ser inseguro, porque através dessa insegurança tornamo-nos mais modestos e mais humildes. Naturalmente, o complexo de inferioridade traz consigo o perigo do excesso e da compensação da suposta falta pela fuga no oposto. Onde surge um complexo de inferioridade há certamente boas razões para isto, porque sempre pode mesmo figurar algo de menor valor, porém não ali onde estamos convencidos de que existe. Modéstia e humildade não significam complexo de inferioridade, mas são virtudes de alto valor e até admiráveis. Comprovam que aquele felizardo que as possui não é um tolo presunçoso, mas conhece seus limites e nunca fica ofuscado, inadequado e embriagado por sua suposta grandeza, cambaleando além de sua condição humana. Tais pessoas são na realidade inseguros que se acham seguros. A nossa vida é insegura, por isso uma certa sensação de insegurança corresponde muito mais à verdade do que a ilusão e o blefe da segurança. No decorrer do tempo vence sempre o melhor ajustado e não o indevidamente autoconfiante, entregue a riscos interiores e exteriores. Não devemos medir apenas com dinheiro ou poder. O decisivo é a paz da alma.

Num dos livros Agni loga, logo depois que a gente percorre uma porção de pequenos parágrafos (nestes livros não existe uma descrição contínua, mas pequenas linhas, pequenos parágrafos, dicas, sobre certos assuntos), no fim encontramos, no último parágrafo, uma pergunta: quais são os requisitos ou os pré-requisitos para que se possa trilhar este caminho interno de autoconhecimento e autolibertação? A resposta é: duas coisas são necessárias, aceitar uma sobrecarga quanto às tarefas, aceitar, não assumir, aceitar, e aceitar a total insegurança da existência. A sobrecarga

não significa querer fazer isto ou aquilo, mas o que vem e mesmo aparecendo um pouco mais, a gente aceita.

Agora, o que nos interessa aqui com relação ao pronunciamento de Jung: aceitar a total insegurança da existência. Hoje em dia, a nossa aceleração é muito maior do que no tempo de Jung, quando ele falou isto. Mas já começou algo, embora hoje em dia, pode ser talvez vinte vezes maior. É muito inadequado querer estabelecer, dentro de nós e fora de nós, pontos terminantemente fixos. Pode também ocorrer no trabalho psicoterápico e é muito perigoso querer – vamos usar uma expressão comportamentista – modificar de determinada forma o comportamento do paciente. Aqui Jung diz: terapia nunca está fazendo o próprio terapeuta, a verdadeira terapia ocorre através do próprio Self do paciente. Só que, com o trabalho psicoterápico temos que desbloquear os trajetos bloqueados, temos que limpar os trajetos que se tornaram inviáveis. E precisamos, tanto física como afetiva, emotiva e intelectualmente, fazer voltar o paciente às suas próprias raízes, não às nossas raízes, às suas próprias raízes.

Muitas vezes ouvi relatos de procedimentos norte-americanos e mesmo aqui já ouvi pessoas que, querendo fazer terapia, perguntam: de que forma o senhor garante que esta terapia dará resultado? Eu disse: não posso garantir nada, porque a terapia com espírito bancário, não tenho nada contra o espírito bancário, mas isto na psicoterapia não existe. Até costume dizer: a psicoterapia é, muitas vezes, como um pulo no escuro. Como naquela descrição da iniciação egípcia: depois de percorrer um túnel sempre mais e mais estreito, e depois quase esfolando as roupas e o próprio corpo, conseguiu chegar a um determinado ponto onde podia ficar de quatro e depois já podia ficar em pé. Apareceu um vazio e ele sabia que tinha que continuar, então, se teve coragem, pulou no vazio e se não teve coragem morreu lá. Antigamente, os procedimentos foram muito mais bruscos a respeito.

Isso naturalmente acarreta também do outro lado o cuidado para não criar insegurança no paciente, porque o paciente tem bastante insegurança perante todo o processo, perante os problemas, isto não precisamos criar. Não precisamos reafirmar suas inseguranças, mas afirmar o fato que essa sensação de insegurança pertence ao processo. O melhor é aceitar e não se incomodar demais, mas perceber quando está surgindo. Naturalmente seria tolice trabalhar com a insegurança, como também é inadequado trabalhar com relacionamento, porque todo processo é um relacionamento, não precisamos trabalhar com a palavra, separar. Evidentemente, quando se trata de aulas, de ensino, então a gente coloca o relacionamento também na pauta, ensinando tudo aquilo que as pessoas têm que saber. Agora, aqui tem uma colocação muito importante da parte de Jung, que diz que é melhor ser inseguro porque a gente se torna mais modesto e humilde.

Outra colocação refere-se ao complexo de inferioridade. Isto nos aborrece, nos irrita e eventualmente nos deixa um tanto aflitos, indicando que uma força está atuando também dentro de nós. O ser humano, em geral, perante o desconhecido, sente insegurança e podem aparecer durante essas manifestações de insegurança, sinais de que a pessoa também anda com complexo de inferioridade. Mas, nesse caso, é bom sempre pensar que estamos dentro de certa categoria de organização de seres vivos onde existem seres inferiores e seres superiores e nós, em certo ponto de vista, somos inferiores e, num certo ponto de vista, somos superiores. A vida mesmo é uma grande aprendizagem, mas temos que reconhecer que esse complexo de inferioridade, talvez nem com essas palavras, nem nesses termos, atua tremendamente perante aqueles grupos de jovens que começam a perceber que além da casa paterna existe um mundo. Esse mundo é muito mais, muitas vezes, do que a casa paterna e muito diferente e exige, como Jung coloca, grandes espaços de adaptação e isto atua de modo tal que cometem suicídio, não aguentam já de antemão a pressão, por enquanto só levemente sentida, da vida. Isto, hoje em dia, na juventude que é mais sensível e mais aberta e percebem, não entendem, percebem muito mais, certamente cria um tipo de impulso para escapar.

O livro Os Três Mosqueteiros, de Dumas me colocou bem cedo já em certa posição com relação ao suicídio: uma das figuras principais, D'Artagnam, perante a perseguição que está sentindo diz para seu amigo Athos: “se continuar assim vou dar um tiro na minha cabeça”, e ele responde, e essa resposta eu já usei muitas vezes com pessoas: “fazer isto é aquela bobagem que sempre temos bastante tempo para fazer”, isto é, não é para apressar. Em relação com isto também perguntaram uma vez a um dos mestres de Agni Yoga, como atravessar a vida e a resposta dele era: “como saltimbanco na corda bamba”. Cuidando para manter o equilíbrio.

Isto se refere naturalmente ao prumo ou eixo, que é tão importante que hoje a gente tenha dentro de si. Não encarar alguém como prumo ou como eixo, afinal de contas, podemos ter incentivações dos mais variados lados, mas, nada, nenhum apego, nenhum apoio, pode substituir o próprio eixo ou prumo. Isto é importante hoje em dia, quando há muita fragilidade, muita traumatização na área dos relacionamentos humanos. O nosso giro tem que ser o giro ao redor do nosso prumo e não ao redor do prumo de alguém, por mais querida que seja essa pessoa ou mais reconhecida ou mais admirável. Isto só deve dar incentivo para firmar ainda o próprio prumo, sem entrar em cogitação se o meu prumo é mais bonito do que o teu prumo. O ser humano gosta de fazer isto.

Aquilo que Jung diz – que era muito simples e, ao mesmo tempo, ele sabia dizer de modo simples coisas menos simples – que trabalhando em diversas faixas a gente conhece tanto os limites como as suas próprias

possibilidades. Ele, na última sentença, certamente na base de certas experiências a respeito diz: “esse autoconhecimento certamente poderia ser usado de modo inadequado”. Quando li a primeira vez isto e depois quando cheguei a reler e depois traduzir, me lembrei daquela história oriental que me descreveram que quatro pessoas, com certo esforço, com certa perseverança e com certa dedicação, conseguiram chegar ao Atman – que seria, em nossa linguagem, o Self -- e os quatro reagiram de modo diferente. Um ficou imediatamente pirado, não aguentou a tensão; outro disse “agora permaneço aqui, não quero mais voltar”; o terceiro, com aquele conhecimento que adquiriu dessa maneira, voltou e “pintou e bordou”, usou e abusou de todo mundo, mostrando seu poder e obtendo seus êxitos; e o quarto voltou e não falou para ninguém, mas tentou, na base de seus conhecimentos adquiridos, dar para cada um que chegou a ele aquilo que a pessoa justamente naquele momento necessitava.

As pessoas são curiosas, perguntam, querem conhecer mais, querem orientação, então a gente dá orientação, mas perante um conhecimento um pouquinho só novo, não aguentam. Ocorre uma peculiar saturação. Se a gente força (e não devemos nunca fazer) surge uma irritação, e se a gente tenta discutir, surge uma agressividade. Isto não é apenas em termos de sessões, tanto em relacionamentos familiares, sociais, profissionais, existenciais, religiosos, etc.

Desse ponto de vista temos aquele ensinamento muito sábio e muito simples: se queremos explicar para uma pessoa algo, temos que utilizar os conceitos e as palavras da pessoa. Não devemos impor sobre as pessoas, tanto na sessão, como fora da sessão, algo que não sabem assimilar, não está dentro da frequência delas. Temos que aprender a ouvir as pessoas e, ouvindo as pessoas, percebemos qual é aquela terminologia, qual é aquela conceituação, com que podemos lidar, dentro das quais podemos colocar os problemas das pessoas e elucidar. Mas, para isto é necessário que a gente tenha certa abertura, como um leque, para saber qual segmento, ou seção do leque deve ser em certos momentos utilizados. Isto também pertence ao autoconhecimento, porque se não nos conhecemos não saberemos conhecer os outros. Só na base daquilo que a gente elaborou dentro de si pode contatar e pode auxiliar o outro.